



GEOGRAFIA DO VIVER/PODER: TECENDO HISTÓRIAS ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS AFETIVAS

Jéssica Ribeiro Sousa ¹
Laisse Andressa Nascimento dos Santos ²
Ednair Rodrigues do Nascimento ³
Simone Rodrigues dos Santos Gomes ⁴
Maria das Graças Silva Nascimento Silva ⁵

RESUMO

Este trabalho versa sobre as memórias afetivas no que tange aos aspectos que evidenciam as histórias de gênero, memórias dos comportamentos, vivências e subjetividades de quatro avós, que, através de suas narrativas, contribuíram para dar visibilidade a laços permeados por protagonistas, em tempo e ambientes diversos, caracterizados por resistências e lutas em meio a espaços escassos de voz feminina. O estudo buscou evidenciar o resgate da memória afetiva por meio de vivências entre avós, netas e por meio de informações de outros familiares que auxiliaram na busca de relatos individuais e coletivos. Mostrou-se, ainda, a percepção afetiva através das questões geográficas e a temporalidade de onde aconteceram os fatos narrados. Foram consideradas quatro narrativas diferentes, de quatro mulheres que escreveram suas histórias por meio de muita coragem (duas avós já falecidas e duas ainda em vida) e deixaram um legado imprescindível para as novas gerações. A investigação se deu através de pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e análise fenomenológica, pautada nas contribuições de Nascimento Silva (2004) e Halbwachs (1990; 2012).

Palavras-chave: Ciência geográfica, Memórias afetivas, Gênero, Resistência.

ABSTRACT

This work deals with affective memories in terms of aspects highlighting gender stories, behaviors memories, experiences and subjectivities of four grandmothers, who, through their narratives, contributed to giving visibility to bonds permeated by protagonists, in time and diverse environments, characterized by resistance and struggles, amid scarce spaces for female voices. The study sought to highlight the affective memory recovery through experiences between grandparents, granddaughters and through information from other family members who helped in searching for individual and collective reports. The affective perception was also shown through geographic issues and the temporality of where the narrated facts took place. Four different narratives were considered, from four women who wrote their stories through great courage (two deceased grandmothers and two still alive)

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), jessicarpedim@gmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), laissecristo@gmail.com;

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), ednair.nascimento@gmail.com;

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), simogurinhem@gmail.com;

⁵ Coautora: Pós-Doutora do Curso de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mgsnsilva@unir.br.



and left an essential legacy for new generations. The investigation was carried out through bibliographical research, of a qualitative nature and phenomenological analysis, based on Nascimento Silva's (2004) and Halbwachs' (1990; 2012) contributions.

Keywords: Geographic science, Affective memories, Gender, Resistance.

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica sempre esteve presente na trajetória da humanidade e, nesse contexto, falar de afetividade é realizar uma busca nos elos conquistados por uma geografia humanizada. Nesse sentido, para darmos início ao estudo das narrativas, é necessário pensarmos em uma geografia que resgate e reflita a trajetória de mulheres que foram invisibilizadas e tiveram suas contribuições apagadas. As histórias aqui apresentadas são familiares a cada um(a) de nós e refletem inúmeras histórias que evidenciam a necessidade de refletirmos sobre as diferenças de gênero e considerar os aspectos que impactam diretamente nas vivências de nós, mulheres, na construção de saberes espaciais.

Com relação ao trabalho do geógrafo, Monk e Hanson (2016, p. 33) analisam que:

Geógrafos, por exemplo, são muito mais preocupados em estudar as dimensões espaciais das classes sociais que as dos papéis sociais, como é o caso dos papéis de gênero. No entanto, para muitos indivíduos e grupos, especialmente as mulheres, é provável que os papéis sociais tenham um impacto maior sobre o comportamento espacial do que a classe social.

Desse modo, entendemos que, para a geografia humanista existir, é necessário conhecermos os papéis atrelados aos gêneros. Nessa proposta, os papéis direcionados às mulheres moldam os comportamentos sociais que impactam diretamente as espacialidades por elas vividas. Seguindo esse raciocínio, percebemos que o papel social, na maioria das vezes, é um limitador para a trajetória das mulheres ao longo da história, causando deteriorizações que vão além da autorrealização pessoal feminina e trazem prejuízos imensuráveis de gerações em gerações de mulheres. Na percepção de Silva e Ornat (2020, p. 166),

O fazer científico capaz de construir visibilidade de sujeitos produzidos como invisibilizados na geografia só é possível quando compreendemos que a invisibilidade não é casual, mas produzida pelo poder da tradição dos aspectos teóricos e metodológicos que delimitam uma determinada visão de mundo e até mesmo as perguntas que somos capazes de formular sobre uma dada realidade espacial.

Das palavras dos citados autores, depreendemos que, através do fazer científico, podemos construir e dar visibilidade para histórias não contadas de mulheres, as quais, muitas

vezes, são desvalorizadas, sendo reduzidas a “ajudadoras” dos homens, frágeis ou sem inteligência. Assim sendo, para pensarmos uma geografia que enxerga essa invisibilidade como não ocasional, mas que tem interesse em conservar padrão de gênero, faz-se necessária uma geografia feminista.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta pesquisa foi nortada pelos fundamentos teóricos da Geografia Cultural e da Geografia Humana. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a história oral e memórias afetivas de quatro mulheres (duas ainda vivas e duas já falecidas). Coletamos depoimentos das viventes e, quanto às falecidas, recorremos ao relato oral a partir da memória afetiva de suas netas e familiares próximos. Para tanto, os relatos foram livres, seja das avós viventes ou dos parentes das falecidas.

As histórias relatadas compõem tempo e espaços geográficos diferentes, haja vista que essas quatro mulheres nasceram nos anos de 1900, 1914, 1941 e 1947, nas regiões Nordeste e Norte do Brasil. Salientamos que, apesar das diferenças étnico/raciais, temporais e espaciais, as narrativas dessas mulheres se interseccionam, como um sistema de opressão interligado, conforme afirma Akotirene (2019), em seu livro *Interseccionalidade*.

Devemos esclarecer que as quatro mulheres participantes da pesquisa são avós das autoras deste trabalho e, assim, temos a concordância em termos de cessão de direitos de uso dos depoimentos e imagens. Esses documentos estão disponíveis no acervo das autoras. Além disso, este estudo surgiu a partir da disciplina de Geografia e Gênero, no ano de 2022, no âmbito ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia.

Tradicionalmente, a ciência geográfica tem se mostrado materialista e descritiva na análise dos dados coletados. Nesse sentido, o registro e a observação se limitavam à compreensão das feições geográficas. Porém, quando os dados organizados se dão através de diálogos, compreensões, “vivências de pessoas e grupos, espaços vividos e práticas” (Heidrich, 2016, p. 16) é possível compreendermos que nossa experiência empírica e o cotidiano da vida estão diretamente relacionados com o meio (social e ambiental). Assim sendo, nas falas das avós e nos relatos de seus parentes, buscamos esse reconhecimento, em que ressaltamos os vínculos existentes entre os grupos humanos nos territórios e como as vidas dessas mulheres/avós foram afetadas pela produção de marcas culturais que sempre procuraram invisibilizar seus corpos femininos.

De acordo com Trebitsch (1994), a escolha pelas fontes orais está ligada à tradição das narrativas populares das classes não letradas, através da observação direta e do testemunho (olhos e ouvidos), pois se diferencia dos outros gêneros narrativos, diretamente ligados à tradição da escrita. No que se refere às memórias, Werlang, Lombardi e Vanderline (2022, p. 12) explicam que:

A memória acessada através das narrativas, a partir da oralidade, expõe o sujeito às lembranças daquilo que pode ser expresso através da linguagem. É na técnica de reviver as lembranças que o indagado muitas vezes se descobre indivíduo, com identidade, sujeito da história, que interpreta os encontros e desencontros que a vida apresenta nas suas interpretações nuançadas e espaços de lutas.

Portanto, a utilização da história oral e da memória como referencial teórico-metodológico por meio de registros produzidos através de textos sobre memórias relacionadas às histórias das avós, protagonistas do estudo, nos possibilitou um documentário produzido para a finalização da disciplina de Geografia e Gênero, na qual, por meio da história oral e memória, investigamos as lembranças, as memórias, as experiências vividas das avós das autoras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre a memória como uma função coletiva, Halbwachs, (1990, p. 26) comenta: “em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Nessa perspectiva, o autor discorre que, em meio a esse tipo de organização, ressurgem lembranças vindas de maneira inconsciente e que acontecem em função da recordação que está ligada a algo.

A memória é uma função de contínuas lembranças outrora vivenciadas com pessoas com quem convivemos e faz parte do nosso convívio com o nosso grupo familiar e social. É através da memória que acessamos recordações e pensamentos, que ocorrem como um movimento contínuo e, como em um fluxo, são conectados todos os resultados de práticas e experiências passadas. Participar com estes agentes sociais momentos individuais e em grupos parte das combinações interagidas através das nossas vivências, formando as nossas lembranças (Halbwachs, 2003).

As memórias afetivas surgem em meio a vivências individuais, coletivas, familiares. Esses pensamentos nos acompanham com uma parcela de saudade; ocorre que, quando recordamos quando éramos crianças e precisávamos dividir uma refeição, um doce, um bolo

quente que havia acabado de sair do forno, ou a refeição preferida, preparada com carinho pelas mãos das nossas avós, tudo isso faz com que a memória seja acionada e, assim, ative também a memória olfativa. Como relata Halbwachs (1990, p. 51),

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenham com outros meios. Não é de se admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma comunicação de influências que são, todas, de natureza social.

Ao tratar de memórias, podemos também destacar que a família, como a primeira instituição social, é responsável por trazer conceitos de valores, crenças, atos, entre outros, que constituem a base dos ensinamentos que estabelecerão ações para seguir a vida como aprendizes, com recursos inerentes de bases totalmente subjetivas.

Para Guattari (1992), a subjetividade se trata de uma conexão de sentimentos expressados de forma individual ou coletiva, podendo ocorrer como algo próprio: “[...] o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (Guattari, 1992, p. 19). Assim, a subjetividade é manifestada por meio individual e coletivo, sendo uma referência de fazeres relacionados a todo conjunto de ideia, emoções, sentimentos e pensamentos.

Os vínculos familiares são criados desde o momento em que nascemos e as vivências perpassadas no ambiente familiar criam - além de experiências, constituídas na forma de se pensar e agir - fortes laços para além da bagagem moral, social, pessoal e interpessoal. É algo intrínseco e dotado da essência de quem nos formou tais percepções.

Ao conceituar fenomenologia, Silva (2021, p. 6) concluiu que:

Fenomenologia é, portanto, o estudo de um encontro, da relação do ser que vive com o que é vivido. É o interesse por avaliar seriamente a percepção de uma experiência profunda, profunda aqui não quer dizer complexa ou pomposa; mas significativa, mesmo que simples, mesmo que singela, mas verdadeira para quem vive.

Nessa esteira, através das narrativas, memórias afetivas e percepções vivenciadas obtidas a partir dos familiares, podemos agregar bastante conhecimento sobre suas vidas, tanto pessoais quanto profissionais. Conhecer o que nos trouxe até aqui é muito importante, pois nos permite ter entendimento das modificações e evoluções que ocorreram desde o passado, período em que nossas avós viveram sua juventude, até os dias atuais.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo nos permitiu ter uma concepção de como antigamente as mulheres eram vistas pela sociedade machista e o quanto sofriam pela sua sobrevivência e de seus familiares. Além disso, pudemos reviver um pouco da nossa vida no passado, com as boas lembranças vividas em companhia das nossas avós, preservando as memórias.

Os resultados obtidos vão além do conhecimento adquirido, visto que, a partir da história das avós por meio de relatos familiares, tivemos a oportunidade de conhecer mais sobre todas elas, suas histórias e experiências, com quem já viveram, as várias situações pelas quais passaram, vários fatos sobre seus conhecimentos dos tempos passados, de sua infância, da sua família e seus costumes, além de nos ensinar com suas histórias de vida.

Nem a invisibilidade das mulheres da geração das nossas avós e nem as das nossas gerações são capazes de apagar fatos perpassados pelas nossas “vozinhas” em meio a uma sociedade tão capitalista e machista. Por isso, a história narrada por suas netas é importante para que outras avós resistentes, como as nossas, sejam visibilizadas na história.

Fotos e Memórias

No dia 05 de maio de 1900, nasceu Ana Maria da Conceição, conhecida como Ana Januário, por causa do seu pai, que se chamava Januário. Sua mãe se chamava Maria. Ana Januário é a avó materna da pesquisadora Simone Rodrigues dos Santos Gomes, que sempre teve o desejo de relatar a história de vida dessa mulher, que a ensinou tanto com sua sabedoria, resistência e simplicidade.

Ana Januário casou-se com Jorge Vieira aos 25 anos e desse relacionamento teve quatro filhos (Manoel Jorge, Maria, Quirina e Francisca). Porém, o casamento não durou muito tempo. Seu marido saiu para trabalhar em outro estado e acabou não voltando mais, abandonando a esposa e filhos. Ana Januário teve que ‘se virar’ sozinha para poder criar seus filhos. Dedicou-se à criação dos filhos com a ajuda de sua mãe, que ficava com as crianças, enquanto ela saía para trabalhar nas lavouras dos fazendeiros.

Na Imagem 1, a seguir, temos um registro fotográfico de Ana Januário:



Imagem 1 - Ana Januário

Fonte: As autoras. Agosto de 2023. *In memoriam*.

Na Imagem 2, abaixo, temos um registro da casa de Ana Januário:



Imagem 2 - Casa de Ana Januário. Sítio Serra do Catolé (Curinhém-PB)

Fonte: As autoras. Agosto de 2023.

Na foto acima, está registrada sua última casa no sítio; depois, teve que ficar na casa de uma das filhas, na cidade, onde ficou até a sua morte. Ana Januário nasceu e viveu toda sua história na comunidade Serra do Catolé, localizada na cidade de Gurinhém, no agreste paraibano. Nessa comunidade, ela viveu sua infância junto a sua mãe, que ficou viúva muito cedo, e seus três irmãos (Manuel, Severino e José). Por causa das dificuldades financeiras, Ana Januário teve que ajudar sua mãe e seus irmãos desde pequena.

Ana Januário tornou-se parteira e fazia um lindo trabalho junto à comunidade onde passou praticamente toda a sua vida. Sobre o ofício de parteira, Nascimento Silva (2004, p. 19) afirma que: “Como o saber dessa parteira não veio pelo carisma, ele vem pela tradição de família, ou pela tradição da comunidade, e o repasse desse saber é para garantir a tradição da profissão. Nesse sentido a parteira tradicional precisa da experiência de ser mãe para iniciar o



aprendizado”. Assim, com essa afetividade e carinho da comunidade para com Ana Januário, ela se tornava “mãe” pelo carinho, dedicação e respeito que tinha pela sua profissão de ser parteira.

Na Imagem 3, trazemos uma fotografia da Sra. Maria Lucia Martiniano de Sousa⁶, avó da pesquisadora Jéssica Ribeiro Sousa:



Imagem 3 - Maria Lucia Martiniano de Sousa
Fonte: As autoras. Agosto de 2023. *In memoriam*.

Em meados dos anos 70, Maria Lucia Martiniano de Sousa saiu do estado do Ceará, com destino ao norte do Brasil, acompanhando seu esposo, Nelson Gomes de Sousa que foi ao encontro de uma oportunidade de trabalho na mineração, atividade que atraía pessoas de várias regiões do país. Em 1972, chegaram à Mineração Paranapanema Indústria e Construção, onde passaram a residir. Enquanto os homens trabalhavam em suas atribuições na empresa, as esposas faziam serviços autônomos para acrescentar a renda da família. Maria Lucia trabalhava lavando roupas para outras famílias e para os homens solteiros, fazia dindins, cocadas, bolos e pastéis para venda.

Em 1981, a família migrou para Porto Velho, onde continuaram suas atividades, mas, naquele momento, com um público diverso, pois antes os clientes eram os trabalhadores da mineração e seus familiares. Na época, Maria Lucia começou a trabalhar como doméstica, em casa de família. A cidade não tinha estrutura, situação que tornava sua rotina mais árdua; a

⁶ Durante a escrita desse artigo, Maria Lúcia Martiniano fez o tratamento contra o câncer que enfrentava, e antes que fosse apresentado no XV ENANPEGE, ela veio a falecer na cidade de Porto Velho-RO, em 04 de outubro de 2023. Maria Lúcia deixou um grande legado para sua família, sua luta inspirou parte desse artigo e ficará para sempre em nossas memórias.



de dificuldade para locomoção e as distâncias tomavam muito tempo, pois ela só “andava a pé”. Naquele tempo, Maria tinha seis filhos; então, os maiores ajudavam a cuidar dos menores.

Após esse período, já na década de 80, ela começou a trabalhar como camelô, em uma pequena tenda. Vendia sapatos, bolsas, roupas e acessórios. A mercadoria era adquirida sem pagamento e no final do dia acontecia o acerto do que havia vendido. No dia seguinte, acontecia a mesma rotina. Nos anos 90, Maria Lucia, agora com sete filhos, abriu uma mercearia em frente a sua residência. Ali permaneceu até o ano de 2019, quando teve um infarto, aos 72 anos; contudo, sobreviveu. Hoje recebe um auxílio assistencial do INSS e reside no mesmo lugar, no Bairro Liberdade, com seu esposo, a filha mais nova e três netos. Aos 76 anos, ela segue contando sua história de bravura e com orgulho da mulher nordestina e forte que é.

Maria Lúcia é uma mulher que sobreviveu a abortos, sofrimentos e doenças, em uma época em que as mulheres não eram reconhecidas pelas suas contribuições. Hoje ela luta contra um câncer e, mesmo assim, ainda tem forças para sorrir. Sua história não é apenas sua, mas reflete a realidade de muitas mulheres que fizeram e fazem um esforço inimaginável para ter acesso ao estudo, ao trabalho, ou simplesmente a uma vida digna. Maria Lúcia pode ser sua vizinha, sua avó, ou alguém que você não conheceu, mas que existiu e resistiu em uma época extremamente machista e com pouquíssimos recursos para a saúde e proteção das mulheres.

Na sequência, na Imagem 4, apresentamos a Sra. Alaíde, avó de pesquisadora Ednair Rodrigues do Nascimento:



Imagem 4 - Alaíde

Fonte: As autoras. Agosto de 2023. *In memoriam*.



Alaíde nasceu em 22 setembro de 1914, no seringal São Domingos, nas proximidades da antiga Vila Santo Antônio do Rio Madeira, na época ainda estado do Amazonas. Era a filha mais velha de três irmãs. Sua mãe se chamava Maria e seu pai Maximino. Aos 21 anos, casou-se com um músico e, com uma semana de casada, descobriu que tudo que havia em sua casa era emprestado (panelas, lençóis, copos...), inclusive seu vestido e aliança de casamento. Apesar de toda a decepção, seguiu com o casamento, pois, naquela época, uma mulher não teria outra opção. Com ele teve cinco filhos. A primeira morreu recém-nascida, por inanição, devido à fome que passara durante toda a gestação. Decidida a minimizar seu sofrimento e que não perderia mais filhos para a fome, Alaíde começou a plantar e a negociar com seus vizinhos, fazendo escambo e a trabalhando como meeira.

Após seis anos de casamento, decidiu que não ficaria mais com aquele homem, indo em busca de melhoria de vida na cidade. Colocou seus quatro filhos na canoa, galinhas, cachorros... e partiu sem olhar para trás. Um tempo depois, conheceu um homem solteiro, que tinha sua idade e era da Guarda Territorial e lhe propôs casamento. Pediu que ele registrasse no cartório seus filhos e se isso fizesse se casaria com ele. No dia seguinte, ele chegou com a certidão de nascimento de seus filhos. Foram morar juntos. Foi um casamento longo e marcado por muitas conquistas, superações e perdas. Ela viveu até aos 91 anos. Enterrou seis filhos, criou inúmeros netos e foi uma grande matriarca.

Na imagem 4, abaixo, temos a Sra. Maria José Nascimento dos Santos, avó da pesquisadora Laisse Andressa Nascimento dos Santos:



Imagem 4 - Maria José Nascimento dos Santos (Zeca)
Fonte: As autoras. Agosto de 2023.



Maria José Nascimento dos Santos (Zeca, seu apelido) nasceu em Humaitá-AM, no dia 08 de junho de 1941. Filha de Amélia Viana do Nascimento e José Rodrigues do Nascimento. Um dos momentos de sua vida que mais lembra, entristecida, é quando sua mãe faleceu. Zeca falou que a sensação era de que Amélia havia viajado e que um dia a veria novamente, na volta da viagem.

Casou-se com João Firmino dos Santos quando tinha 15 anos e desse relacionamento teve 14 filhos (nove mulheres e cinco homens). Seu filho mais velho, Manoel, faleceu ainda recém-nascido, por Zeca estar com malária; sua filha mais nova, Maria, faleceu no útero (natimorta, com má formação congênita). Zeca foi considerada pelo médico como mulher de “útero fraco”. Tem hoje 12 filhos vivos (oito mulheres e quatro homens), sendo Pedrolina Nascimento dos Santos a mais velha.

Em 2021, Maria José fez 80 anos. Ela havia planejado uma festa junina, por seu aniversário ser no mês de junho, mas o planejamento foi interrompido por causa da pandemia. Para ela, o mais importante era fazer algo meio impossível: reunir os 12 filhos para comemorar com ela uma data memorável. Afinal, no aniversário de 80 anos de seu esposo, não houve um acontecimento mundial atravessando a comemoração em família; todos os 12 filhos compareceram à sua festa.

Abrindo mão da sua casa e das vivências na área urbana, Maria José vive há quase 30 anos em um sítio, em uma casa com acesso à parte superior através de escadas (Imagem 6):



Imagem 6 - Casa de Maria José Nascimento dos Santos
Fonte: As autoras. Agosto de 2023.

Recuperando-se de uma lesão na perna direita, passou por um momento delicado. Atualmente, Zeca e seu esposo levam uma vida ativa, cuidando da criação de galinhas, gados

esperanças adaptos a uma vida com melhor qualidade. Com uma série de atividades diárias, que os auxiliam a manter a satisfação pessoal, sentem-se cheios de vida e, aparentemente, com menores preocupações.

Abaixo, transcrevemos o depoimento de sua neta:

Amor, companheirismo, fé, esperança, coragem, determinação, esperança, sonho, e tantos outros adjetivos definem minha avó, para mim mamãe. Afinal, foi ela quem me criou até 12 anos (foi quando eu resolvi vir morar com minha mãe em Porto Velho). Lembrar das nossas vivências me faz viajar no tempo e confirmar o quanto minha vó é incrível. Uma vez o meu tio ganhou um bolo confeitado no bingo e ela dividiu com toda a criançada que foi até a sua casa, acompanhando meu tio para contarem a novidade.

Sempre tive uma aproximação muito grande com ela. Quando precisou fazer uma pequena viagem, eu estava com muita saudade e contei para o meu tio que ela chegaria com o cabelo mais curto, e para nossa admiração, seus cabelos estavam nos ombros.

Maria José sempre deu contribuição do amor e da fé. Onde ela está, meu avô também se encontra, uma curiosidade é que no aniversário de ambos, eles dividem o espaço para apagarem a vela. Penso aqui em quantas renúncias ela teve que abdicar para nos ver crescer e torcer pelos nossos sonhos, sempre com o mesmo discurso: “Com fé em DEUS....” ou “Ele que sabe de todas as coisas né minha filha?”

A minha avó é linda, assim como todas as avós, que são conhecidas como “mãe duas vezes”. É na casa delas que encontramos aconchego, paz, comida, conversa boa, conselhos, e uma das melhores partes de um dia com a nossa avó é dizer: “a bênção” e escutar: “DEUS te faça feliz ou DEUS te abençoe”. A minha avó tem uma característica que a torna única: a lealdade. Sempre ao lado do meu avô, abriu mão de viver alguns de seus sonhos para viver sonhos coletivos, e juntos acordam todos os dias de madrugada para orarem e pedir de DEUS, que abençoe a todos os familiares, os conhecidos e os não conhecidos também (Laisse Andressa Nascimento dos Santos).

Observando as histórias dessas quatro mulheres, percebemos que o elo que as liga é de força, determinação e resistência. As mulheres da época de nossas avós mantinham um comportamento carregado de esperança, para manter vivas suas motivações de estar inseridas socialmente da forma que cabia à época. Uma linda forma de resistência. Trabalharam na roça, foram donas de casa, funcionárias do governo... Enfim... Exercendo qualquer tipo de profissão, nossas avós nos mostraram que podemos escolher o que queremos ser. Um forte legado de subsistência. Comunicar essas histórias é mostrar nosso pertencimento, nosso pedacinho de amor, nossa perspectiva de dias melhores, por elas, nossas amadas precursoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória afetiva proporciona o acesso às lembranças de experiências e vivências perpassadas de forma individual ou coletiva, seja familiar, seja social. Transcender nossas

histórias por um viés de recordação é, ao mesmo tempo, voltar na acumulação de lembranças do passado, vividas, experienciadas, para depois serem lembradas; uma maneira de reviver os momentos decorridos.

Falar sobre a afetividade familiar, na pessoa da avó, é estreitar elos de companheirismo, fidelidade, amor, força, determinação, resistência, resiliência e tantos outros adjetivos, que se tornam poucos, mediante o grande valor afetivo. E falar de uma história vivenciada por uma matriarca capaz de passar seus ensinamentos é falar de geografia.

Conhecer e analisar narrativas sobre memórias afetivas é elucidar as diversas formas do ensinar e do aprender, imprescindível na construção das vivências individuais e coletivas. A memória é dotada de saberes, sabores e valores.

Como a expectativa de vida da população idosa mundial tem aumentado, cada vez é mais comum contarmos com a participação das avós/avôs na criação dos(as) netos(as), uma vez que eles tendem a contribuir tanto afetivamente, quanto a ajudar com serviços (como levar e buscar netos(as) na escola) e/ou até mesmo financeiramente. Mas a maior contribuição dos nossos precedentes que podemos e devemos valorizar são os ensinamentos e vivências por eles relatados.

No presente estudo, contamos com duas participantes ainda com vida (atualmente com 76 e 82 anos). Lembramos que, hoje, a expectativa de vida do brasileiro, para os homens, passou de 72,8 para 73,1 anos e, para as mulheres, foi de 79,9 para 80,1 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

A partir do encontro que a geografia feminista nos possibilita, através das histórias das quatro narrativas das avós contadas neste estudo, podemos compreender a relação de gênero e suas espacialidades, pois, em algum momento, os recortes se encontram e contam e recontam novas histórias, com novas possibilidades de se melhorar e se perceber na espacialidade do papel social de gênero.

Através da contribuição da geografia humana, podemos vivenciar recordações capazes de acessar as memórias mais tenras e as recordações aparecem por meio de diversas manifestações, seja por memória afetiva, lembrando de um fato ocorrido, seja por meio da memória olfativa, pois através do cheiro podemos acessar recordações da mesma forma que ocorre com uma história narrada ou uma música entoada.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE DE NOTÍCIAS. Esperança de vida do brasileiro aumentou 31,1 anos desde



1940-2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

AKOTIRENE, K. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

GUATTARI, F. Da produção da subjetividade. In: GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **Geographia**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2012.

HEIDRICH, Á. L. Método e metodologia na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, Á. L.; PIRES, C. L. (Orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografias e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra 1, 2016.

Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149928/001007747.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MONK, J; HANSON, S. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, J. M; ORNAT, M. J; JUNIOR, A. B. C. (Orgs.). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016, p. 31-48.

SILVA, G. H. A. Fenomenologia e Geografia: a imaginação dinâmica de Bachelard em tempos de redes sociais 5. **Presença Geográfica**, Fundação Universidade Federal de Rondônia, v. 08, n. 01, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unir.br/index.php/RPGeo/article/view/6512>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J. **Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes**. Disponível em:

<https://muse.jhu.edu/article/744044>. Acesso em: 05 mar. 2023.

NASCIMENTO SILVA, M. das G. S. **Parteiras ribeirinhas: saúde da mulher e o saber local**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém-Pará, 2004.

TREBITSCH, M. M. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: MORAES, M. (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

WERLANG, M. T.; LOMBARDI, B. V. N.; VANDERLINDE, T. A história oral e a memória na ciência geográfica. **Terr@ Plural**, v. 16, p. 1-16, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/20698>. Acesso em: 30 mar. 2023.